

## O DIA EM QUE CONHECI DE PERTO MALALA YOUSAFZAI.

### THE DAY I MET MALALA YOUSAFZAI IN PERSON

Anelise Gonçalves<sup>1</sup>

Você, talvez, já tenha cruzado com seu nome, com o desenho do seu rosto, com as linhas de sua história. Quando pronuncio o nome “Malala Yousafzai”, ou simplesmente “Malala”, você provavelmente saberá quem é. No entanto, é possível que não saiba os pormenores da trajetória dela, mas você sente, em algum lugar, o eco de sua luta pela educação de meninas e mulheres do mundo todo e foi esta mulher incrível que eu tive o prazer de conhecer em 21 de maio de 2023.

Mas, antes de contar como eu cheguei até a Malala – ou melhor, como a Malala me marcou – quero relembrar um pouco da história dessa jovem paquistanesa. Em 9 de outubro de 2012, a menina, que se tornaria símbolo global de resistência, voltava da escola quando um homem armado chamou seu nome e desferiu três tiros em seu rosto. Depois disso, ela permaneceu inconsciente e em grave estado de saúde. Porém, quase que por um milagre, sua condição clínica melhorou e ela foi levada para o hospital de Birmingham, na Inglaterra. Ali, naquele leito, (re)nasceu a Malala inspiradora, a menina mulher que luta pela paz e educação, que tive a oportunidade de ver tão de perto.

O convite para a entrevista surgiu a partir de um movimento ousado que dei, colocando-me à disposição da recém-criada *editoria de Livros da Folha de S.Paulo*, enquanto trabalhava na *editoria de Mercado da Folha de S.Paulo*. Tinha feito algumas coberturas, mas um dia recebi uma excelente – e apavorante – mensagem: “A Malala virá ao Brasil, quer entrevistá-la?” Gelei. Entrevistar a pessoa mais jovem a ganhar um Prêmio Nobel da Paz? A menina que arriscou tudo, inclusive quase que a própria vida, pela educação? Confesso que, naquele momento, duvidei de mim, de minha capacidade e, até mesmo, de meus conhecimentos jornalísticos. Porém, esse é um daqueles grandes momentos da carreira que só acontecem uma vez, e se você deixar passar, quando terá essa oportunidade novamente? Então, aceitei.

E lá fui eu, uma jornalista preta, periférica, que estudou em escola e universidade pública, que teve que aprender inglês e espanhol sozinha, cujos pais não tiveram dinheiro para custear um pré-vestibular, entrevistar a Malala. Aos poucos, minha história de vida, que tanto me causava insegurança para realizar tal feito, tornou-se algo melhor, mais potente,

---

<sup>1</sup> Anelise Gonçalves é jornalista formada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Preta e periférica, participou do primeiro programa de treinamento da *Folha de S.Paulo* para profissionais negros, jornal no qual trabalhou por dois anos, na editoria de Mercado. Antes, escreveu para UOL e Portal Colabora. E-mail: anelisegoncalves1@gmail.com. Link para o Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1359881538810190>

## ■ texto opinativo

mais forte e que me impulsionava, afinal de contas, a ativista e eu compartilhamos algo em comum: a crença na educação como ferramenta transformadora.

Passado o tempo, então chegou o grande dia. Incontáveis textos e vídeos lidos sobre Malala; caderninho abarrotado de anotações e perguntas; mãos suando frio; sorriso congelado no rosto, quase estático; pés um tanto quanto vacilantes, mas seguindo em frente. Cheguei, então, ao hotel de Copacabana, zona nobre do Rio de Janeiro e em frente ao mar, em que a entrevista seria feita. Ao chegar, fui orientada pela assessora a aguardar, pois Malala concedia uma entrevista ao Fantástico, à jornalista Maju Coutinho. Sabia, então, que aquele era um excelente sinal.

Chegou a hora. Malala entra pela porta com seu lenço e túnica salmão, pequena, magrinha, mas com presença de espírito gigante, parecia que preenchia a sala com seu caminhar leve e seus trejeitos mansos. Sentamo-nos frente a frente e começamos. Perguntei sobre sua vida, sobre seus projetos; sobre sua relação com o Brasil; suas impressões sobre a educação feminina em nosso país; sobre seus conselhos para as meninas; sobre futuros projetos; sobre o balanço de sua trajetória até aqui<sup>2</sup>.



E lá se foram meus míseros 20 minutos, que passaram voando. Fico feliz que o nervosismo e a ansiedade de estar próxima a uma Nobel da Paz deram lugar a algo maior, à admiração de se estar com um ídolo, alguém que luta por seus ideais e que, de fato, está empenhada em trazer mudança a este mundo tão caótico. Essa entrevista foi publicada na *Folha de S.Paulo*, em 21 de maio de 2023<sup>3</sup>. Transcrita em partes abaixo:

**Como você gerencia sua carreira de influenciadora digital e quais estratégias usa para alcançar meninas?** As redes sociais são plataformas poderosas para atingir jovens, e eu uso meu próprio perfil para falar sobre a educação de meninas. Há, ainda, as contas do Malala Fund, que luta em defesa dos direitos delas à educação e as engaja. Acima de tudo, no entanto, são elas quem têm que liderar. Afinal, se falamos de seus problemas, temos que ouvi-las. O instituto tem um programa para garotas e uma newsletter chamada *Assembly*, na qual jovens de mais de cem países compartilham suas histórias. Elas falam sobre mudanças

2 Anelise Gonçalves e Malala Yousafzai, foto tirada durante a entrevista realizada no hotel Copacabana. Crédito da foto: fotógrafo Eduardo Anizelli, 2023.

3 Entrevista publicada em 21 de maio de 2023, na *Folha de S.Paulo*. Disponível em: [https://www1.folha.uol.com.br/folhateen/2023/05/brasil-precisa-de-educacao-digital-nas-escolas-diz-malala-em-visita-ao-rio.shtml?utm\\_source=twitter&utm\\_medium=social&utm\\_campaign=twfolha](https://www1.folha.uol.com.br/folhateen/2023/05/brasil-precisa-de-educacao-digital-nas-escolas-diz-malala-em-visita-ao-rio.shtml?utm_source=twitter&utm_medium=social&utm_campaign=twfolha). Acesso em: 26 set. 2023.

climáticas, saúde reprodutiva e segurança nas escolas. Compartilham não só seus problemas, mas como elas mesmas se tornam agentes da mudança.

**Autoridades brasileiras estão discutindo uma nova lei sobre fake news, [o PL das Fake News]. Você acredita que as big techs devem ser responsabilizadas pela divulgação de desinformação e discurso de ódio?** Todos estão expostos à desinformação na internet e isso é um grande problema, porque pode enganar as pessoas e levá-las a coisas terríveis. É importante que todos tenhamos responsabilidade nessas ferramentas, do diretor das plataformas aos seus usuários. É preciso inserir educação digital nos currículos escolares para ensinar às pessoas sobre o funcionamento da tecnologia, das plataformas e dos algoritmos. Assim, os jovens serão mais conscientes sobre as ferramentas digitais e não vão acreditar em informações falsas. É preciso pensamento crítico e se perguntar de onde está vindo, se é uma fonte confiável, se tal argumento é plausível. Todos estão vulneráveis, mas, quanto mais nos tornamos conscientes, mais preparados estaremos para encarar a desinformação.

**Esta é sua segunda vez no Brasil. Por que decidiu voltar?** Eu estava procurando uma desculpa para voltar e achei a oportunidade certa quando fui convidada para participar do festival LER. Agora, estou apoiando o ativismo na educação por meio do Malala Fund. O instituto se engajou nas campanhas eleitorais, convencendo as autoridades a ter um comprometimento sólido com a educação, que assinassem compromissos para a educação igualitária e que criassem um manifesto para as meninas. Oferecer uma plataforma para as vozes femininas tem sido maravilhoso. Retornei ao Brasil e mal posso esperar para encontrar ativistas, ouvir o que as meninas têm a dizer, e apoiá-las em seu trabalho. Espero que eu possa levá-las às salas nas quais as decisões que afetam suas vidas são tomadas. Quero fazer a conexão entre suas vozes e as vozes dos líderes. Também estou animada para ver todos os lugares bonitos do Brasil, aproveitar a música, a beleza e a comida maravilhosa. Vou explorar um pouco o Rio e andar na praia. Adoraria assistir a alguma partida de futebol, e quero conhecer a capitã da seleção brasileira de críquete, [Roberta Moretti]. Amo apoiar mulheres no esporte.

**O Malala Fund tem planos futuros para o Brasil?** Continuamos a trabalhar com ativistas e eles estão fazendo um trabalho incrível a nível internacional. Há projetos específicos para as meninas negras, indígenas e quilombolas. O instituto se certifica de que as vozes dessas meninas sejam o centro de seu trabalho, por seus direitos e pela educação igualitária e segura.

**O que o Brasil tem a ensinar ao mundo? E o que o país poderia aprender com o restante?** O Brasil tem uma oportunidade incrível de liderar o acesso à educação. Muitas meninas e mulheres são ativistas e têm tudo pronto no papel. Sabem como implementar a mudança, então é importante que elas estejam engajadas e que a voz delas seja ouvida. O Brasil pode liderar o acesso de crianças à educação, o que inspiraria outros países a dar o mesmo passo. Muitas nações se preocupam com problemas globais, mas se esquecem de falar sobre as pessoas. Se empoderarmos as pessoas e oferecermos a elas educação de qualidade, oportunidades iguais, alguns desses problemas serão resolvidos.

**Com a pandemia, muitas meninas deixaram a escola. Como resolver este problema?** A pandemia trouxe uma perda gigante em termos de educação, e abandonou algumas comunidades também. É importante que líderes tenham ciência disso. Algumas comunidades foram afetadas mais do que outras. É preciso dar atenção à comunidade negra, indígena e quilombola e investir mais nelas, que têm uma taxa alta de meninas que desistiram da escola. Elas já tinham menos probabilidade de concluir seus estudos, e a pandemia tornou isso ainda mais desafiador.

**Em outubro, *Eu sou Malala* completará uma década de publicação. Quais histórias você vai contar no próximo livro?** Estou muito feliz por estar escrevendo um novo livro de memórias. O primeiro era sobre minha vida antes de ser

## ■ texto opinativo

atacada e sobre como me tornei uma ativista tão jovem. Muita coisa aconteceu depois disso, e eu vou compartilhar tudo. Estou gostando de refletir sobre a minha vida. Espero que as pessoas aprendam algo comigo.